

## PREFÁCIO

Não é fácil tarefa fazer o prefácio de um livro, visto que importa lê-lo, sugá-lo, sentir-lhe a força e o vigor e dizer isso com autoridade, transmitindo ao leitor o anteprezer da leitura do volume que tem em mão, e induzi-lo a não ficar só na leitura — às vezes superficial — mas, como dizia Bacon: “Certos livros devem ser degustados, outros engolidos e alguns mascarados e digeridos.” E, como *No leito da enfermidade* está entre os últimos, a minha primeira palavra ao leitor é que imite o autor do Apocalipse e engula, devore, assimile o que se contém nas páginas que estão à sua frente.

*No leito da enfermidade* é livro atualíssimo, abordando, com muita propriedade e com profundo conhecimento da matéria, problemas dos nossos dias que exigem que a cristandade se desperte para soluções adequadas e comprovadoras da verdadeira fé cristã. Sim, porque a fé resulta no amor e, sem este, os problemas irão se avolumando e podem chegar a tal ponto quando já não mais terão solução.

Sua autora não escreve como quem está apalmando o assunto. Não! Poucas pessoas conhecerão tão profundamente a matéria. Não é ela que está *No leito da enfermidade*. Mas Eleny tem vivido os últimos 20 anos de sua vida “junto” ao leito da enfermidade, o que ela narra com muita propriedade no capítulo “Como tudo começou”, narrativa extraordinária na qual desponta a mão de Deus, guiando, buscando e sustentando a jovem cristã, afastando-a de planos e interesses secundários para colocá-la na tarefa que desempenha com amor, fé e decisão. Pode-se dizer que ela é *the right woman in the right place*.

E é digno de nota que o que ela põe no livro visa a conseguir que outros (e outras) lhe sigam os passos. Não é o engrandecimento pessoal que ela está buscando, mas o de Cristo, o da igreja cristã, o do povo de Deus. Quando Stanley Jones, o grande missionário, visitou a Rússia de Stalin e viu que a “revolução” procurava eliminar a fé cristã, ele pensou: “Se o cristianismo estivesse vivendo nos planos do seu fundador, não haveria necessidade de revolução alguma.” Na verdade, o cristianismo é uma revolução, a maior que já se realizou neste mundo. O que importa é que os cristãos de hoje procedam como os cristãos primitivos da era apostólica.

E isso ainda é possível, graças a Deus. E irá acontecendo enquanto houver pessoas como a autora, que têm vivido o evangelho do amor junto aos leitos dos enfermos, confortando-os, animando-os, orando com eles e levando-os a Cristo, na

obediência ao ide do Mestre, tarefa que não está limitada aos pregadores, pastores e ministros do Senhor. Não deixa de ser curioso que meu pai, o presbítero João Adorno Vassão — bisavô de Eleny — que viu um dos filhos chamado para o ministério, tenha em sua descendência, agora, na bisneta, uma “ministra” consagrada a um ministério dos mais abençoados. Ele queria um. Agora, quando o filho já está “aposentado”, surge a bisneta realizando uma obra extraordinária. Jesus disse que não há comunicação entre o céu e a terra, como o desejou a alma do “rico, em tormentos”. Mas os anjos nos visitam e se acampam ao redor de nós. Bem que gostaríamos de que um desses anjos contasse ao “velho Vassão e à avó Guilhermina” o abençoado ministério que Eleny está, mercê de Deus, realizando.

E se alguma alma que partiu depois de levada à salvação em Cristo por Eleny chegasse ao céu à procura dos Vassão, dos Monteiro de Paula e dos Patrício que lá já estão e lhes desse a grata notícia? Seria impossível? Não sei, nem afirmo. Fica a hipótese confortadora.

O importante neste prefácio, no entanto, ainda está por ser dito. Ou não? A que conclusão chegará o leitor ou a leitora ao final da leitura? Vai degustar o livro? Mastigá-lo? Degluti-lo? Isso é possível sem qualquer perigo de engasgar-se. Basta que ponha o livro no coração e na mente, tomando a seguir a decisão de uma consagração maior a Cristo e ao próximo, ficando com a lição que o matreiro intérprete da Lei de Moisés recebeu do Mestre e que está na parábola do bom samaritano. Nela, a filosofia do sacerdote era: “O que é meu é meu, e não vou desperdiçar com esse ‘defunto’.” A do escriba era: “O que é meu é meu, mas a lei cerimonial me impede de aproximar-me dele; pode estar morto.” Mas a dos samaritanos (malvistos pelos judeus) era: “O que é seu é seu, e o que é meu passa a ser seu se você precisar.” Eleny adota a filosofia do bom samaritano, que é a filosofia cristã. Adota você, caro leitor, essa filosofia? Ou está tentado a acompanhar o sacerdote e o levita?

Os que estão no leito da enfermidade pedem a Deus a sua bênção para Eleny de modo que *No leito da enfermidade* seja uma bênção na vida de todos os que o lerem. Amém.

Amantino Adorno Vassão  
(1911-1997)